

QUINTO ANDAR

*Por Almeida José**

Ele achava feio uma noite sem estrelas. Mas talvez fosse essa a única coisa que lhe incomodasse de verdade nos dias de hoje. Não ligava para o café morno em cima da mesa, bebia em um só lance. Não se importava com a namorada fria, comia sem dizer bom dia. Pedrosa está sozinho agora: camisa aberta até o terceiro botão, já não consegue achar o isqueiro. Sofre do mal dos canalhas, magro. Mas aparentemente não o suficiente para caber entre o sofá e a escrivaninha de plástico.

- Merda - pensou em dizer - mas o isqueiro não sairia sozinho do chão do apartamento alugado.

Sentia falta de quando sua voz movia até o inanimado, de quando seu dedo era cacete, de quando o seu olhar era mandato, de quando o seu canto era oração, de quando lhe prestavam atenção, de quando era levado a sério, de quando lhe ouviam, de quando lhe davam bom dia. Merda, de tão magro parecia invisível até no elevador. Lembrou-se dos colegas da repartição, que faziam de tudo para emagrecer e quando conseguiam, Pedrosa fazia questão de não reparar. Talvez não seja de se espantar o fato de que ninguém tenha percebido o quão fraco ele está.

Subiu até o apartamento com o isqueiro novo, da padaria da esquina. Abriu a porta e bateu o fundo do maço em busca de um amigo para botar na boca. A sala do apartamento alugado lhe pareceu um latifúndio. No lugar de retratos, faziam a decoração: quadros baratos, taças empoeiradas e cães engarrafados, todos abertos. Alguns vícios são melhores do que outros, todos são melhores do que a realidade. Serviu-se três dedos de ilusão.

- Será que alguém vai perceber? Pelo menos até segunda-feira? - perguntou-se ao contemplar a vista, jogou um gelo para medir a distância, alguma coisa perto de 45 metros. Lá em embaixo, fantasmas aceleravam seus carros prateados sob o asfalto ainda quente do sol da tarde. Não eram nem nove da noite.

Gostava de quando o vento lhe batia na camisa e os botões roçavam-lhe no peito branco. Sentiu cócegas, finalmente sentiu alguma coisa! Ria, dançava, cantava, desafinava quase que por querer. Com os olhos fechados, tropeçou no sofá e caiu no chão de madeira velha, riu da própria tragédia. Sorriu para a lâmpada da sala, quis lhe contar o ocorrido no dia anterior, nos mínimos detalhes, e sem comerciais. Mas na bela cidade do espetáculo, nada disso tem valor se ninguém estiver olhando. Ele jurava não se importar. Quis ligar para o pessoal do escritório. “E aí, Marlí, como está o filhão? Passou no vestibular?”. “Pedrão, e o seu Santos, heim?”. “Mário, porra, já emagreceu quanto?”. As garrafas não respondiam, encheu o copo para ver se virava o jogo.

- Não vão descobrir até de manhã cedo, ou mesmo até segunda-feira, especialmente se eu não for com a credencial no bolso – riu da própria miséria, observado pelo silencioso telefone.

Foi para o quarto, tomou um demorado banho. Se enrolou na toalha e procurou a sua camisa favorita, branca de linho, a que usou na posse. Sem fazer barulho, deu nó na sua gravata azul marinho de seda. Vestiu o terno cinza, colocou seus sapatos brilhantes. Decidiu cair na noite, afinal, ainda não eram nem nove horas...; correu para o banheiro, se sentia um menino: gel no cabelo, perfume no pescoço, sorriso na boca fina. Era apaixonado por si mesmo, sempre foi, sempre bastou-se. Colocou a carteira no bolso de trás, com o distintivo virado para fora. Pronto, cruzou o apartamento uma meia dúzia de vezes, dando ordens para a televisão, para o criado mudo e para a geladeira. Enfim, calou-se.

Foi até a janela, e encarou a cidade em que costumava dominar, todos em algum momento já ouvira falar de Pedrosa, mesmo assim, até segunda-feira, ninguém iria dar falta. Quando o vento bateu mais forte, respirou fundo, os sapatos brilhavam pretos em contraste com o mármore da sacada. A lua não apareceu para dar luz à cena.

-Vá em frente, não é isso que você sempre quis? Ser intocável? Vá em frente, Coronel, como sempre, ninguém vai te parar.

Estava certo. Como sempre, ninguém o impediu, Pedrosa caiu naquela noite.

* pseudônimo do escritor